

"A minha Brasília tem sertão"

Flavio Barbeitas

Sérgio de Sá. *Roberto Corrêa: caipira extremo*. Brasília: Ed.do Autor, 2006.

Continua de uso corrente a frase que cristalizou uma visão negativa de Brasília, caracterizando-a como "uma cidade plantada no meio do *nada*". A crítica embutida nesse lugar-comum atinge a capital e a experiência de sua construção, apoiando-se claramente no preconceito contra o Brasil Central e contra o que ele representa, de certa forma ainda hoje, num imaginário "sudestino": atraso das relações sócio-econômicas, mentalidade rural e conservadora, falta de cultura etc. Não custa para perceber, no entanto, que atacar Brasília nesses termos significa manter-se, paradoxalmente, dentro da mesma lógica que fez surgir a cidade, com aquela célebre busca de expandir a modernidade e interiorizar o desenvolvimento brasileiro. Para os seus defensores, Brasília funcionaria como posto avançado a irradiar o progresso em todo o território nacional; para os seus críticos, seria uma aberração, uma experiência inviável, até pela falta de um entorno "civilizado" que lhe garantisse as trocas necessárias à sobrevivência. Num caso e no outro, olhos e ouvidos concentram-se num mesmo e único valor, ou seja, o moderno e suas realizações. O resto? Ora, o resto é irreconhecível, indigno, sequer existe; é o *nada*, o deserto, o lugar nenhum.

Um belo contraponto a esse bordão interpretativo pode ser lido e ouvido em *Roberto Corrêa: caipira extremo*, livro organizado e publicado pelo jornalista Sérgio de Sá. Trata-se, aliás, do segundo volume da série *Brasilienses* (o primeiro fora dedicado ao poeta Nicolas Behr) cujo objetivo principal é justamente indagar a identidade cultural da capital brasileira que, em 2010, completará cinqüenta anos. Roberto Corrêa é músico – violeiro e compositor. A leitura de sua trajetória artística indica que no pavimento de Brasília, que tantos queriam impermeável, já há muito se abriram fendas por onde hoje crescem, vigorosamente, os frutos do antigo solo sertanejo. In-

dica, também, que a busca da identidade cultural da cidade, diante da impossibilidade de plantá-la exclusivamente num ideal moderno, passa pela abertura ao cerrado e às suas manifestações. É verdade, por outro lado, que essa abertura não equivale a nenhuma renúncia nem a uma rendição do projeto de Brasília: a música de Roberto Corrêa não corresponde a um sertão originário e puro que, agora, num resgate idealizador, finalmente estaria sobrepunhando a cidade de concreto. Não, a sua música é já o fruto de um diálogo cultural, é contaminada pelo urbano, pela modernidade da cidade; e o próprio Roberto Corrêa é muito mais um mediador do que um representante direto do universo rural. As suas composições, como ele mesmo afirma, "são extremamente diferenciadas desse tipo de música [tradicional]. São praticamente eruditas, mas não porque eu quis. Porque elas são assim. Talvez por conta de não ter acontecido essa transmissão real, a minha música tenha ficado livre. Sei que tenho raiz. E pronto, posso fazer o que quiser com a viola".

O livro é uma vasta cobertura da vida e da obra do músico. A espinha dorsal é formada pelo saboroso *Perfil*, escrito por Sérgio de Sá, e pela *Entre-vista* que, em passagens preciosas, revela o compromisso absoluto que Roberto Corrêa assumiu com a música, fundado no tradicional pacto que todo violeiro estabelece com o seu instrumento. O luxuoso volume inclui também um ensaio fotográfico de Ricardo Labastier, que valoriza a simbiose do compositor com o elemento natural do cerrado ("não sou da montanha nem do mar: sou do Brasil Central"), e textos críticos sobre o seu percurso

musical e discográfico. Não falta, obviamente, um Cd com uma pequena amostra do trabalho de Roberto Corrêa: quarenta minutos de música, divididos em doze faixas – dez delas recolhidas de discos anteriores e duas especialmente gravadas para a ocasião.

Na entrevista, percebe-se muito bem o duplo pertencimento de Roberto, condição para o seu papel de mediador. De um lado, há a afirmação constante de uma identidade local, rural, caipira; de outro, a luta incansável para se inserir num circuito musical de elite, por assim dizer, e para superar o papel secundário a que a viola e o violeiro estão normalmente relegados numa certa faixa de mercado e na academia.

As relações de Roberto Corrêa com o mundo do sertão estavam dadas apenas parcialmente na cidade natal, Campina Verde, no Triângulo Mineiro. A sua identidade musical "caipira" precisou passar, já quando ele morava em Brasília e em meio à decisão de trocar a Física pela Música, por uma espécie de reconstrução tardia da genealogia artística familiar, na qual ressalta a figura do avô, violeiro, cuja morte trágica ocorreu bem antes de Roberto nascer. "Em Campina Verde existe um conceito: violeiro é cachaceiro, um perdido na vida", conta o compositor, dando mostras claras de que o seu caminho em direção à música não era exatamente natural, mas se fez como um resgate de origens, num processo de reelaboração da própria identidade. Mesmo a viola surgiria definitivamente na sua vida, já em Brasília, numa opção crucial que o obrigou a deixar para trás o violão que aprendera a tocar em Minas.

Eis que é possível traçar uma analogia da vida do músico com a da capital federal: nos dois casos, um corte com a tradição pré-existente ao mesmo tempo em que impõe a necessidade de buscar retroativamente a identidade, possibilita, em última análise, a liberdade que aponta para o *novo*. E se Roberto Corrêa, o compositor, é um dos protagonistas brasilienses desse segundo processo, um outro Roberto Corrêa, pesquisador, ajuda a cidade a reencontrar a música ancestral, “pré-Brasília”, que, cada vez mais, tende a acolher a moderna capital no seu leito sonoro. Juntamente com a esposa, Juliana Saenger, também musicista, Roberto assina, no livro, uma valiosa *Reflexão* que testemunha o exaustivo, paciente e, acima de tudo, responsável trabalho de pesquisa sobre os aspectos musicais das manifestações populares tradicionais.

Sem dúvida, a atividade como pesquisador seria, por si só, suficiente para sinalizar o lado “erudito” de Roberto Corrêa. Mas há outros indícios. Não estamos diante de um músico intuitivo, espontâneo, expressão natural da musicalidade da terra; ao menos não “somente” isso. Em Roberto Corrêa, a regra é, basicamente, estudar, planejar e medir. O músico formado pela Universidade de Brasília não esconde uma relação estética com a música que é bastante próxima daquela presente no mundo do concerto: um processo solitário de criação; a ambição de escrever para trios, quartetos, orquestras; a atuação instrumental que se dá preferencialmente em recitais solo; o estudo da viola com um caráter de constante aprimoramento técnico, comparável à rotina dos grandes nomes da música erudita; a própria luta para tornar a viola caipira um instrumento aceito na academia e nos círculos da chamada música “cult”. Quanto a esse último aspecto, aliás, a batalha deve ter sido realmente dura. “Você vai tocar essa merda?”, chegaram a lhe perguntar, grosseira e preconceituosamente, num de seus primeiros recitais.

Mas o grande ideal estético parece ter sido desvelado ao final da entrevista. Explicando como a viola, no Brasil, necessariamente se associa a diferentes contextos, característicos das várias regiões do país, Roberto Corrêa anuncia que preferiria ver o instrumento um pouco mais afastado dessas realidades culturais: “Espero que a viola percorra o caminho do violão, que hoje é da pátria. O violão está desvinculado culturalmente”. Ora, entende-se que a vontade é, senão eliminar, ao menos flexibilizar a completa aderência da viola ao folclore, às manifestações tradicionais ou mesmo à categoria de “sertanejo” – hoje uma etiqueta tomada pelo mercado fonográfico para identificar um tipo de música que certamente não é a de Roberto Corrêa. O desejo do músico é liberar a viola para incursões em áreas que ainda lhe parecem interditas. É nesse sentido, aliás, que pode ser interpretado o seu grande esforço para a ampliação do repertório do instrumento, não apenas com composições de próprio punho, mas incentivando outros compositores (dentre eles, grandes nomes como Paulo Belinatti, Jorge Antunes, Marco Pereira) a fazerem o mesmo.

Roberto Corrêa, no entanto, é, e se considera mesmo, um músico popular. A sua música o revela. Quando não estão em jogo as canções, em que a forma, de alguma maneira, decorre ou se atrela ao texto, as músicas se apresentam em formas livres ou então, como fala o compositor, são elaboradas no estilo de uma suíte. Isso significa que não conta tanto aqui a lógica discursiva que impera na grande música de origem européia, na música conhecida como “clássica”. Roberto Corrêa é muito mais um rapsodo; compõe não uma obra amarrada por um raciocínio lógico, mas uma seqüência de anotações musicais, de idéias curtas, de sensações passageiras recheadas por efeitos e adornos instrumentais. Em outras palavras, os motivos não se transformam nunca em um “tema” a ser exaustivamente desenvolvido de acordo com as técnicas compositivas sedimentadas

pela tradição erudita; apresentam-se em sucessão, como se fosse a sonorização de um “causo”. Uma peça como *Peleja de siriema com cobra*, poderia ser um exemplo disso, muito embora o seu caráter descritivo já imponha o estilo da composição. Mas mesmo uma obra como *Sobressalto* – cuja partitura vem reproduzida no livro, precedida de um comentário do compositor – com um título bem menos denotativo, é também ilustrativa desse procedimento não causal, livremente aglutinador. Orelhas adestradas apenas para um discurso musical mais “costurado” podem perceber aqui uma limitação. Talvez seja melhor, contudo, afastando-se de critérios comparativos, submeter a audição àquela realidade musical que Roberto Corrêa, como muito poucos, consegue expressar. E abrir os ouvidos para acolher o refinamento musical presente na sonoridade arcaizante, belíssima, de uma viola magistralmente tocada.

De mais a mais, toda a interface do nosso compositor com o mundo erudito e acadêmico, ainda que realmente exista, é também saudavelmente mantida sob suspeita, fugindo à formalidade e à rigidez pela estrada da voz: “quando eu canto no recital, sinto que as pessoas entram mais dentro do universo de onde venho. Mostro mais meu lugar, esse Brasil Central, o cerrado, a música caipira. Não fica um recital só erudito. Conto causos, porque mostra o imaginário. Faço isso por falta de conhecimentos das pessoas sobre esse universo”. Aqui está delineado, portanto, o papel do mediador. Não importa até que ponto a qualidade de “caipira”, em Roberto Corrêa, seja “genuína”, “radical”, “incondicionada”. Importa que ela tem vigor, é real; e que é dessa maneira que ele é capaz de construir uma ponte. Por isso, talvez, já o tenham chamado de “o Guimarães Rosa encordado”.

